

Uma coleção de desenhos etnográficos: Os ritmos e movimentos no ambiente de um mercado público paraibano

JOÃO VÍTOR VELAME 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro, RJ, Brasil

joavictorvelame@gmail.com

DOI 10.11606/ISSN.2316-9133.v32i2PE210311

As feiras livres e mercados públicos fazem parte do cotidiano de muitas cidades brasileiras. Estes ambientes são marcados pelo calor que emana da alegria, dos altos falantes, das rimas e estratégias de vendas dos feirantes, dos cheiros, dos sabores, das cores das barracas e produtos, das festividades tradicionais e religiosas, das serestas, dos corpos se esquivando de pessoas e coisas. Espaços mercantis como esses são utilizados não apenas como meio principal de abastecimento alimentícios e fonte de renda de diferentes atores sociais, eles funcionam também como pontos de encontro e como ativadores de uma gama de relações sociais.

No âmbito do mercado público da cidade de Rio Tinto-PB¹, não seria diferente. Este espaço mercantil marca o contexto sociocultural dessa antiga cidade fabril surgida em função da Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT². Inaugurado em 23 de dezembro de 1985 e nomeado como Santo Agostinho, o mercado público de Rio Tinto é sede da feira livre que acontece aos sábados e o local onde realizei quatro anos de trabalho de campo.

Claude Lévi-Strauss (1995: 135) chama atenção aos momentos de vidas coletivas em uma breve e nostálgica lembrança sobre seus passeios em mercados públicos nos mais diversos espaços. O autor rememora as barracas, as oficinas, os mercados rurais, os mercados flutuantes, terrestres e assim por diante. Lugares de trocas, como os mercados públicos e feiras livres, vêm sendo amplamente estudados pela antropologia brasileira. Podemos citar, a título de exemplo, as pesquisas de Vedana (2008) na Feira Livre da Epatur em Porto Alegre - RS; de Tavares (2005), dedicado à Feira do Rolo na pedagogia da malandragem e à memória e representações sociais no espaço urbano de Ceilândia/DF; de Gonçalves e Abdala (2013), sobre as formas de sociabilidade das feiras-livres em Uberlândia-MG; de Nascimento

¹ A cidade de Rio Tinto está localizada no interior do litoral Norte no Estado da Paraíba, possui uma população estimada no ano de 2019 de 24.176 habitantes com uma área territorial de 466,984 km²(IBGE, 2019), a cidade se encontra na região do Vale do Rio Mamanguape, abrangendo outros nove municípios. Os dados apresentados foram coletados no <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/rio-tinto/panorama> . Acesso em: 04 abr. 2023.

² O município de Rio Tinto foi desmembrado da atual cidade vizinha de Mamanguape em 1956, quase quarenta anos depois de surgir como vila operária em função da instalação de uma fábrica de tecidos em terras de engenho de cana, ladeadas por áreas de ocupação indígena (Potiguara) (MENDONÇA, 2012: 85).



e210311

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe210311>

(2017), que identifica as estratégias de venda na feira livre da cidade de Itapororoca-PB, e, por fim, de Araújo (2019), que escreve sobre as crianças e adolescentes que fazem frete com carro de mão na feira livre de Rio Tinto -PB.

O espaço polifônico e caloroso do Mercado Santo Agostinho serviu de inspiração para minhas próprias pesquisas (Velame, 2021) e, em consequência, para a construção deste ensaio visual no qual apresento uma série de desenhos e experimentações visuais realizadas durante quatro anos de pesquisa³. Os desenhos foram realizados entre os anos de 2017 e 2020. Partindo de uma perspectiva da antropologia visual, criei durante os quatro anos de pesquisa uma coleção com 60 desenhos etnográficos. A coleção foi composta a partir de um conjunto de três cadernos de campo, sendo dois deles diários gráficos exclusivos⁴ e o outro um diário de campo tradicional⁵ (Imagem 1). Em outros momentos utilizei também um caderno avulso de estudos artísticos⁶. Todo o material imagético foi produzido utilizando diversos materiais, como por exemplo, grafite 6B, aquarela, lápis de cor DeLuxe Ranger, nanquim, entre outros materiais de pesquisa (Imagem 2).

Os desenhos foram produzidos em duas instâncias: *in loco* - no campo de pesquisa - e em outros momentos no dito gabinete antropológico - minha sala de estudos em Rio Tinto-PB. Todos os desenhos foram devidamente escaneados, editados, catalogados e organizados em tabelas, utilizando de recursos como Photoshop CS6 e GIMP 2.0. A coleção encontra-se disponível no acervo do Laboratório de Antropologia Visual Arandu da UFPB (Campus IV).

Durante a pesquisa, busquei realizar um estudo etnográfico com o objetivo geral de analisar e compreender os ritmos temporais e movimentos (a vida) no âmbito da organização da feira livres no mercado público Santo Agostinho. Estava interessado em traçar o lugar da memória através de experimentos multissensoriais (desenho, fotografia, entrevista semiestruturada, vídeo, elicitación por meio de fotografias e desenhos, diários, hipermídia, hipertexto etc.) e em experimentar a construção poética de uma etnografia da duração na criação de uma coleção de desenhos etnográficos. De uma forma bem sucinta, eu procurei analisar, a partir de minhas experimentações multissensoriais com desenhos, fotografias, e técnicas de escrita etnográfica, os ritmos e movimentos durante a organização da feira livre na virada da madrugada de sexta-feira para o sábado (VELAME, J. V., 2020: 10).

A principal inspiração para a pesquisa foram os trabalhos das antropólogas Azevedo (2016) e Kuschnir (2016), que possibilitam o diálogo entre os campos da antropologia da arte, da antropologia urbana e da antropologia visual. Foi nesse sentido de diálogo entre diferentes campos da antropologia que despertei meu olhar para o que Yves Winkin (1998) tão bem sugere. De acordo com o autor, o fazer etnográfico teria três

³ Foram dois anos de pesquisa de Iniciação Científica, financiado pelo CNPq, e mais dois anos de pesquisa voltados à elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba - Campus IV, como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Antropologia, com habilitação em Antropologia Visual.

⁴ Dimensões dos diários gráficos: 14,8x10,5 cm, 200 g/m² e 21 x 29.7 cm 75 g/m²

⁵ Dimensões: 15.5 x 21.5 cm 90 g/m²

⁶ Dimensões: 27 x 35 cm 120 g/m²

competências: a arte de ver, arte de ser, arte de escrever (idem, 1998: 132). Neste ensaio visual em específico, tenho como objetivo criar montagens que, a um só tempo, apresentam os resultados da pesquisa desenvolvida e elicitam um exercício etnográfico que, ao focalizar no ver, no desenhar e no escrever, tenta captar os ritmos e movimentos de uma feira livre. Os resultados da pesquisa são divididos em cinco grupos de colagens: Desenho topográfico do Mercado Santo Agostinho (Imagem 3); Desenhos topográficos dos ambientes do mercado público (Imagem 4); Desenhos dos ambientes e emaranhado de coisas (Imagem 5); Desenho dos ritmos e movimentos (Imagem 6) e, por fim, Desenhos do cotidiano: personagens e relação humanos e não humano (Imagem 7).



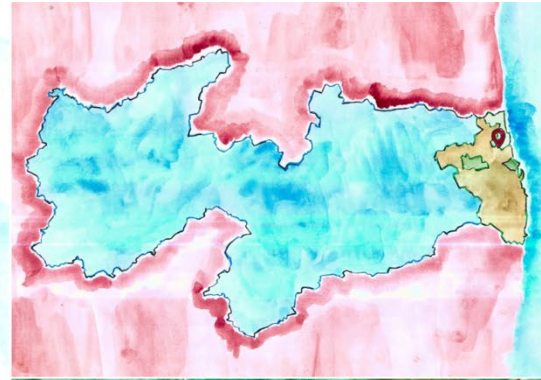
©VELAME, 2023.

Imagem 1. Diário de campo e diário gráfico.



©VELAME, 2023

Imagem 2. Experimentação visual - na banca do antropólogo têm de tudo - materiais artísticos e coleta de dados reunidos durante a pesquisa.



©VELAME, 2023

Imagem 3. Desenho topográfico do Mercado Santo Agostinho. Grafite 6B, Folha 27 x 35 cm 120 g/m², Photoshop CS6.

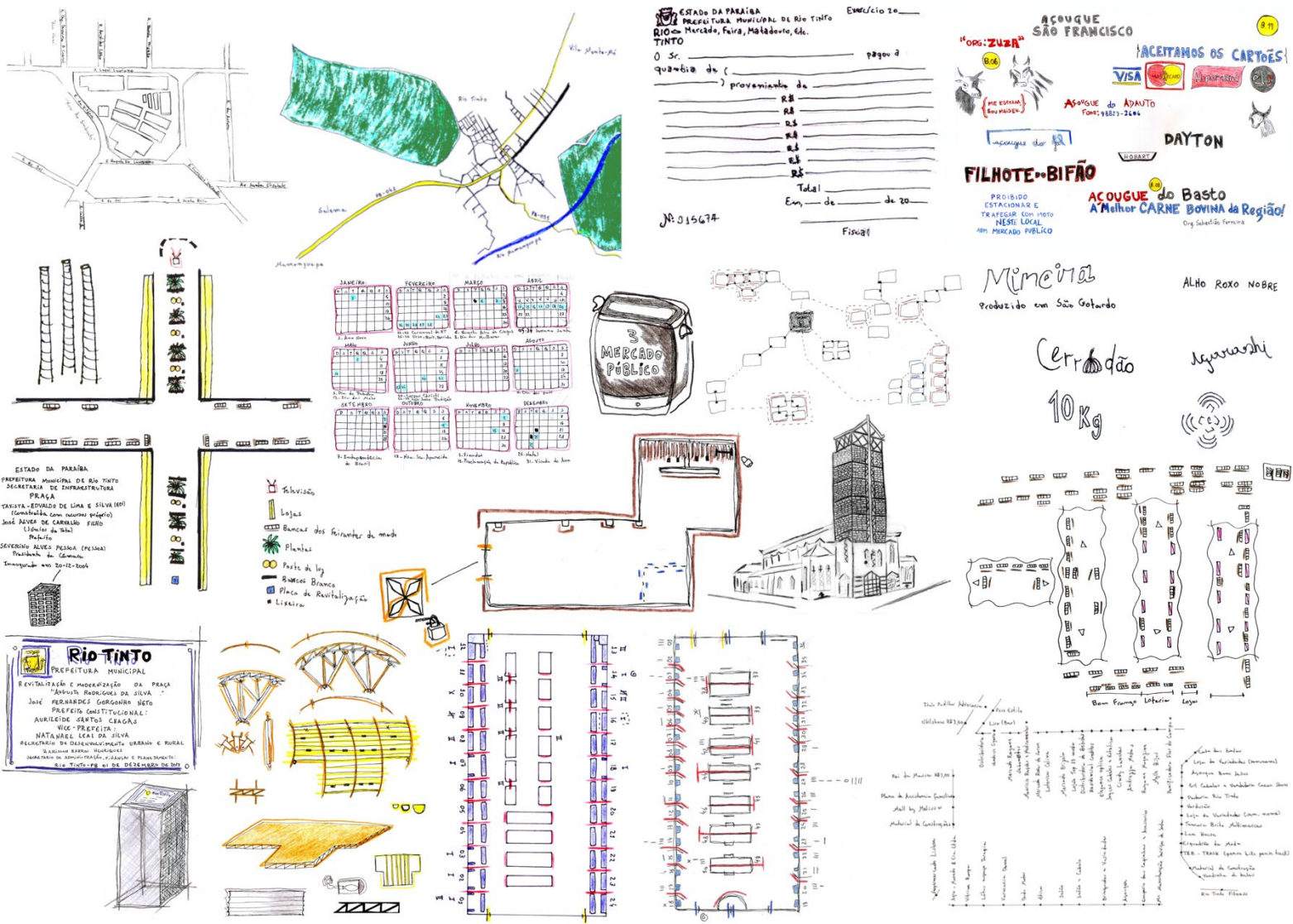
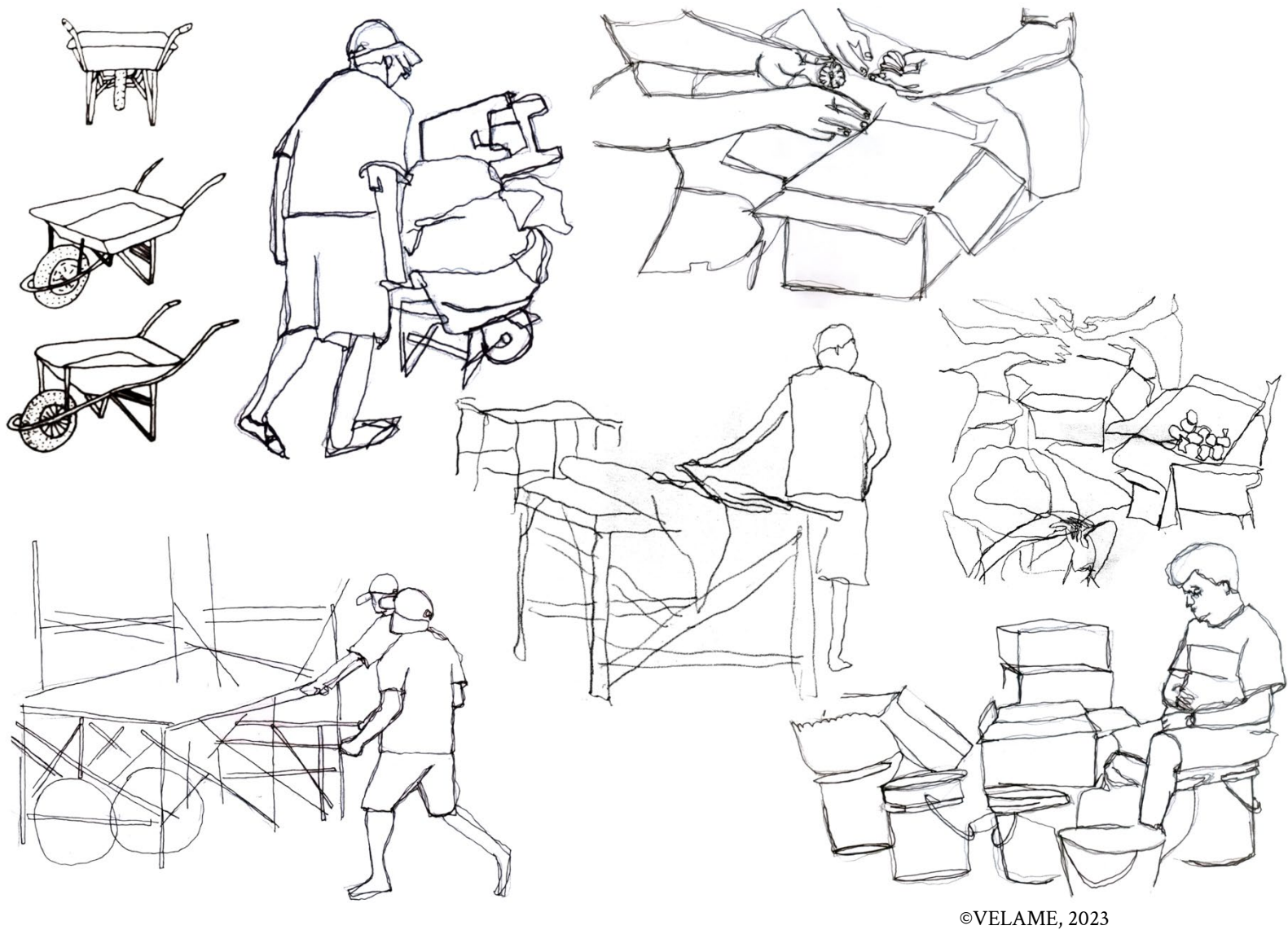


Imagem 4. Desenhos topográficos dos ambientes do mercado público.



©VELAME, 2023

Imagem 5. Desenhos dos ambientes e emaranhado de coisas.



©VELAME, 2023

Imagem 6. Desenhos dos ritmos e movimentos.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Claudionor Silva de. *Etnografia com Crianças e Adolescentes que Fazem Frete com Carro de Mão na Feira Livre de Rio Tinto*. Rio Tinto: [s.n.]. 2019.
- AZEVEDO, Aina Guimarães. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera Revista de Antropologia*, 2, n. 2, 101 - 119, ago 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/34737/17602>>. Acesso em: 03 abril 2023.
- BANKS, Marcus. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GONÇALVES, A. O.; ABDALA, M. C. Na Banca de "Seu Pedro é tudo mais gostoso": personalidade e sociabilidade na feira-livre. *Ponto Urbe*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/528>>. Acesso em: 04 abril 2023.
- KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: Experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 5, n. 2, pp. 5-13, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>>. Acesso em: 04 abril 2023.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1955].
- MENDONÇA, J.; VELAME, J. V. Usos do desenho na feira livre: experimentações (etno)gráficas no mercado público de Rio Tinto (PB, Brasil). *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, [S. l.], 7, n. 13, p. 1–28, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/19955>>. Acesso em: 04 abril 2023.
- MENDONÇA, João M. B. Ética, oralidade e pesquisa fotográfica. *Illuminuras* (Porto Alegre), 13, p. 85-100, 2012.
- NASCIMENTO, Walkiria. Etnografia em uma Feira Livre: O Cenário, o Dia de Feira, os Personagens e a Sociabilidade. In: *Etnografias Urbanas, espaço, imagem e diferença na cidade*. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, Marco Aurélio Paz Tella (Org.). João Pessoa: EdUFPB. 2017. pp. 229 – 250.
- PINK, Sarah. “Planning and Practicing Visual methods: Appropriate Uses and Ethical Issues”. In: *Doing Visual Ethnography: Images, Media, and Representation in Research*. London: Sage, 2001. Print. pp. 1 – 18.
- SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- TAVARES, Breitner Luiz. *Feira do Rolo na pedagogia da malandragem: memória e representações sociais no espaço urbano de Ceilândia/DF*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Brasília: Universidade de Brasília, 2005
- VEDANA, Viviane. *No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo*. Porto Alegre, 2008.
- VELAME, João Vítor. *Experiências artísticas e encontros com alteridades: Um estudo etnográfico dos ritmos e movimentos (a vida) no ambiente de um mercado público Paraibano*. 2020. 32 f. TCC (Graduação) – Bacharelado de Antropologia, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2020. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19672?mode=full>>. Acesso em: 20 set. 2021. Acesso em: 11 julho 2023.

VELAME, J.V. Ritmos e movimentos. Etnografia e diário gráfico numa feira-livre paraibana. *Áltera*. v. 1 n. 12. João Pessoa - Paraíba, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/altera/article/view/61141>>. Acesso em 06 dez. 2022.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

sobre o autor

João Vítor Velame

Doutorando em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ) Mestre em Antropologia Social (PPGA/UFPB). Vinculado ao ResiduaLab (Laboratório de Estudos Sociais dos Resíduos) e ao N.a.D.a (Núcleo de Antropologia da Arte/UERJ).

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Recebido em: 04/04/23.

Aceito para publicação em: 03/11/23.